

# A MITOLOGIA SOLAR E A FILOSOFIA DE VIDA DOS ÍNDIOS KAXÚYANA

Tentativa de uma interpretação

Protásio Friel\*  
Museu Paraense Emílio Goeldi

Notas introdutórias.

- I O sol e a terra na visão de mundo dos Kaxúyana
  - 1. O sol
  - 2. A terra
  - 3. Os Mariháyana
  - 4. Apreciação crítica e interpretação histórica
- II O simbolismo solar na interpretação Kaxúyana
  - 1. Interpretação realista
    - a) Purá itsüdzüne e o mundo antigo
    - b) Matáu-wore-itsüdzüne e os Mariháyana
  - 2. Interpretação filosófico-transcendental
    - a) a) A filosofia solar no seu aspecto monoteísta
    - b) b) A filosofia solar no seu aspecto pan-dinamista

---

\* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

### **Notas introdutórias.**

O presente trabalho constitui parte resumida de um estudo maior sobre a religião e a filosofia dos índios Kaxúyana, ainda não completamente elaborado. Por circunstâncias favoráveis, conseguimos alcançar a confiança dos xamãs daquela tribo e penetrar mais profundamente em sua ideologia. A estes pajés devemos, em grande parte, uma melhor compreensão do próprio índio Karib.

Os Kaxúyana são, hoje em dia, uma pequena tribo no médio Rio Trombetas. Dividiam-se em dois grupos: um, habitava no próprio Rio Trombetas e o outro em um seu afluente direito, o Rio Kaxúru, que é o Rio Cachorro dos mapas. Por ser habitat tradicional dos índios em foco, o nome destes foi derivado do rio: Kaxú-yana, isto é, gente ou moradores do (rio) Kaxú-ru<sup>1</sup>.

Quando os conhecemos, em 1944, existia um total de aproximadamente 60 pessoas. Entretanto, o grupo do Rio Trombetas se extinguiu, havendo somente uns 5 ou 6 remanescentes. Atualmente, o total dos Kaxúyana não vai muito além de 25 indivíduos. Com exceção de um, também os nossos pajés-mestres já morreram.

O material apresentado faz parte de uma espécie de doutrina esotérica daqueles índios, conservada em segredo. Pela interpretação dos pajés, guardiães desses segredos, os mitos, religiosos e o próprio xamanismo recebem um fundo ideológico bem diferente do que aparentam. A mulher Kaxúyana pode conhecer textos míticos e certas formas externas (o cerimonial) do xamanismo, mas nunca lhe é revelada a devida interpretação. E mesmo grande parte dos homens a ignora, embora alguns a conheçam numa aplicação toda individual, a saber, no que diz respeito à sua própria pessoa, à sua vida no outro mundo e ao seu grupo ancestral no além. Somente indivíduos de mais idade e os pajés penetram mais profundamente nos pontos desta doutrina.

Material e interpretação básica são genuinamente indígenas. Somente a ordenação do assunto e a forma apresentada são nossas. Algumas explicações secundárias, feitas por nós, são facilmente reconhecíveis. Devido a complexidade da matéria, certas repetições serão inevitáveis.

Incluímos no título deste trabalho a expressão "filosofia de vida". Tomando o conceito "filosofia" como ciência geral dos princípios e causas, ou sistema de noções gerais sobre a complexidade das coisas, ligado ao esforço para explicá-las, em conjunto com um sistema de valores morais ou espirituais<sup>2</sup>, de fato podemos falar de um sistema filosófico Kaxúyana. Este

tenta a explicação dos fenômenos da natureza, do mundo e de suas forças, em duplo sentido: em visão monoteísta, sendo princípio e causa de tudo um Ser Supremo criador, denominado Purá; e em visão pan-dinamista, considerando tudo como forças que agem e se influenciam, tentando explicar, desta forma, a origem das coisas e os fenômenos da vida, não só humana, mas também da natureza. Em sua aplicação prática e atuação concreta revela-se como xamanismo, pois o xamanismo Kaxúyana não é outra coisa senão o esforço ou a tentativa de controlar e dominar estas forças do mundo que, em sua personificação, se revelam como espíritos. Nesta visão xamanista, pan-dinamista, Purá, o Ser Supremo, torna-se o conjunto ou a totalidade das forças da natureza e dos elementos, as quais, materialmente, se manifestam como o mundo e o universo.

Encontraremos, em seguida, conceitos de um monoteísmo primitivo ao lado de idéias esotéricas e quase espíritas. A esse respeito queremos anotar o seguinte:

O espiritismo moderno jamais alcançou este grupo de índios, embora tenha havido certo contato, desde há muito tempo, com os civilizados que, porém, na sua maior parte eram e são negros do Rio Trombetas, descendentes de antigos escravos fugidos<sup>3</sup>. Conceitos espíritas, certamente, deles não foram emprestados.

As idéias monoteístas, da mesma forma, julgamos originais, fazendo parte de uma ideologia mais antiga. Não provêm de catequese moderna, porque esta não existe. E nada nos consta de catequese antiga. Ao contrário, uma série de mitos, nos quais estes conceitos se baseiam (mitos como p. ex. os da origem da noite, da mulher-peixe, da origem da atual cultura, e outros), são bastante difundidos entre os índios sul-americanos ou, pelo menos, amazônicos. Quer nos parecer que estas idéias monoteístas com todo o seu simbolismo solar se ligam muito mais as complexas religiões andinas ou meso-americanas. Afirmam os Kaxúyana que parte de seus ancestrais imigrou, vindo do oeste, das altas serras que por lá existem. Por tradição, conceitos como vulcão, têrmas ou fontes de água quente, gelo e terremoto, com sua respectiva terminologia, ainda lhes são conhecidos. Embora haja indícios para uma determinada área andina, não devemos nos perder em divagações em terreno incerto. O que apenas desejamos indicar, é simplesmente a possibilidade de uma ligação dessas, pois a religião Kaxúyana, comparada com a dos grupos seus vizinhos, se destaca bastante por sua ideologia monoteísta, apresentada debaixo de um simbolismo solar, mais comum nas religiões americanas de alta

cultura. Em outros grupos circunvizinhos dos Kaxúyana desconhecemos tal interpretação, embora possa ela existir.

## I. O sol e a terra na visão de mundo dos Kaxúyana

### 1. O sol

Condensando os conceitos encontrados nos textos míticos e nas indicações dos xamãs da tribo, podem distinguir-se no desenvolvimento da mitologia solar dois estados que se referem a eras diferentes: à era primitiva de um sol fixo e à era subsequente do sol movediço.

a) O estado primitivo. É a era de Purá itsüdzüne, do "Sol de Purá"<sup>4</sup>. Não se trata aqui do sol que nós enxergamos e sim, de um sol primitivo, da luz ou da fonte de luz primitivas. Sendo Purá criador do mundo e da humanidade, num conceito bastante monoteísta, manifestava-se ele aos primeiros homens por aquele sol e aquela luz do céu Warahê, o qual hoje, segundo a crença Kaxúyana, está acima do nosso firmamento visível, o Kahú que naquela época ainda não existia. Na ideologia Kaxúyana, este sol primitivo, às vezes, parece ser identificado com o próprio Purá e toma, então, o aspecto de uma manifestação ou revelação de Purá<sup>5</sup>. Não existindo ainda Kahú, o firmamento intermediário, Purá itsüdzüne, o primitivo sol, projetava a sua luz direta e constantemente sobre a terra e a humanidade de então. Era um sol fixo que não se deslocava de seu lugar. Por isso, somente reinava luz e dia neste mundo e a noite era desconhecida. É este o mesmo quadro que, segundo a concepção religiosa dos Kaxúyana, ainda hoje se apresenta no além como "paraíso" e lugar de felicidade.

b) O estado atual. É a era de Matáu-wore-itsüdzüne, ou seja do "Sol da mulher-matáu"<sup>6</sup>, que é o nosso sol atual, visível. Este quadro, todavia, mostra um certo desenvolvimento. A diferença que se apresenta, consiste em que o sol primitivo, "Purá itsüdzüne", com todo o Warahê é afastado da terra, suspenso ou empurrado para cima, porque por baixo do Warahê foi estendido um novo céu, o atual firmamento visível, Kahú, no qual se encontra o novo sol. Esta mudança foi realizada pelos Mariháyana, povo que subiu do lado inferior da terra. Sobre a sua importância ainda temos que falar mais adiante. O novo sol, não sendo mais o de Purá, tem também outro dono, Totóya que, por sua vez, possui um auxiliar, Totowaráka ou Totó-imo, formando com aquele a base de um grupo de pessoas solares, os Totóyana<sup>7</sup>.

O sol de agora não é mais fixo e sim movente: aparece ou nasce, percorre o céu Kahú e desaparece, apaga. É este o chamado "caminho do sol". Sobre ele parece ter havido -ou há ainda-

várias opiniões que, concretamente, se manifestam como fases de progresso na observação e compreensão dos fenômenos naturais, referentes ao sol. O primeiro conceito marca a fase antiga, arcaica; o segundo é mais recente e atinge, por fim, a atualidade Kaxúyana.

1ª fase: O sol volta, apagado, pelo mesmo caminho.

O que dá a esta fase arcaica o seu traço típico, é a crença sobre a real extinção do fogo solar no fim do dia e o retorno do sol ao nascente pelo mesmo caminho, anteriormente percorrido. O processo idealizado seria o seguinte: O fogo solar, de manhã, é aceso e, depois de o sol (ou seja Totóyana) ter percorrido o céu Kahú, é apagado à noite, durante a qual, porém, o sol volta sem luz, pelo mesmo caminho, ao nascente que é sempre ponto de partida. Em outra versão, os xamãs Kaxúyana deram a entender que Totóya, o homem solar, faz a sua viagem pelo firmamento numa grande canoa (kanawá-imo), a qual é levada de volta, no escuro, por Totowaráka ou Totó-imo, enquanto Totóya descansa e dorme. Chegando ao nascente, acende-se de novo o fogo solar: nasce um novo dia<sup>8</sup>.

É notável para esta fase que nunca é mencionado que possa existir, nas bordas da terra, água, como possível causa da extinção do fogo solar.

2ª fase: O sol gira ao redor da terra.

Aparecem aí dois aspectos diferentes, embora com o traço mencionado, o giro solar, em comum.

a) O sol gira ao redor da terra, mas apaga realmente.

Surge agora um conceito novo, a saber, que o sol já não volta mais da maneira anterior e, sim, gira ao redor da terra. Todavia, apaga realmente no oeste e se acende no leste. Revela-se aí um melhor conhecimento do mundo pelos Mariháyana, povo dos antípodas, e a idéia de uma outra face da terra, embaixo da até então conhecida, separada por (uma camada/faixa de) água que se estende até os confins da área telúrica, circundando-a. O sol, então, vem e sobe da terra dos Mariháyana e volta para lá num giro contínuo, para iluminar a todos. Mas, devido a faixa d'água de separação das terras, o caminho, do sol passa pela água e, necessariamente, apaga. Nesta fase, a crença é que o sol realmente apaga no oeste e é aceso na terra dos Mariháyana para ali fornecer luz. E enquanto lá é dia, aqui é noite. E vice-versa: no fim do dia Mariháyana, lá se apaga o sol e, depois de ter passado pela água, acende-se do nosso lado para surgir um novo dia.

Com certa clareza, portanto, já se encontra indicado o giro do sol ao redor da terra. Mas a idéia anterior da real extinção do fogo solar permanece. Este aspecto somente muda na fase seguinte que atinge os conceitos atuais dos Kaxúyana.

b) O sol gira ao redor da terra, mas apaga só aparentemente.

Vence, em seguida, definitivamente, a idéia do giro solar ao redor da terra, mas de maneira que, embora pareça que o sol se apague, de fato isto não ocorre. Em outros termos: O apagar da luz e do sol é apenas aparente, mas não real, porque o sol passa somente por cima da água, do mesmo modo como passa por cima da terra. É neste nível conceitual que se acham os conhecimentos e as opiniões atuais dos Kaxúyana. Não conhecem o movimento da terra ao redor do sol.

Pelo que se pode observar, o progresso do conhecimento nessas várias fases é gradativo, passo a passo. Na realidade, cada fase talvez se tenha desenvolvido da anterior por meio de uma observação mais exata dos fenômenos da natureza. Daí a sempre existente conexão, em qualquer ponto, com a fase anterior. Todavia, tradição e mito Kaxúyana se referem a outra fonte, a saber, que tais conhecimentos lhes tenham vindo pelos Mariháyana e sua representante, a "mulher-matáu" que lhes trouxe, basicamente, toda a sua cultura atual.

O novo conhecimento é, pois, constituído pelo fato de que o apagar do sol, no oeste, é apenas aparente. Desaparecendo do horizonte e apagando-se (aparentemente) para nós, na realidade o sol continua a brilhar, sem interrupção, no lado inferior da terra. E num giro contínuo irradia luz e vida, onde aparece<sup>9</sup>.

## **2. A terra**

Em toda a mitologia solar Kaxúyana, a terra como ponto de observação ou de referência é tratada como sendo de importância secundária. Não se fala expressamente dela. É somente pela convergência das referências feitas às fases do conhecimento solar que podemos concluir algo sobre ela. Destaca-se aí, em primeiro lugar, o conceito de ser a terra o centro e o ponto fixo no universo. Um dos xamãs explicou-nos certa vez: "A terra é o meio do mundo. Nós moramos no meio do mundo..." A visão de mundo dos Kaxúyana é, pois, essencialmente geocêntrica e antropocêntrica.

Pela visão horizontal, o índio teve a impressão de que a terra é uma área circular, num sentido plano, mas nunca chegou a conhecer a sua forma globular. Há, entretanto, também aí um certo desenvolvimento na opinião sobre o aspecto da terra, correspondendo às duas eras da mitologia solar.

No estado primitivo, o tempo de "Purá itsüdzüne", a terra, em conceito Kaxúyana, era simplesmente uma área, sem perspectivas de profundidade, sem conhecimentos ou cálculos sobre o que pudesse existir debaixo dessa área que era a face da terra, habitada e conhecida pelo indígena.

Este estado de conhecimento predomina ainda no princípio da segunda era, tempo do "Sol da Mulher-Matáu", quando o sol volta apagado do oeste, pelo mesmo caminho, para ser aceso, de novo, no leste. Mas desde o momento que surge a idéia do giro do sol ao redor da terra, alcança-se o que se poderia chamar de "visão de profundidade". Aparecem os Mariháyana do lado debaixo da terra. Esta, por conseguinte, possui uma segunda face, inferior que é separada da primeira por uma camada ou faixa de água que se estende até as margens dessas áreas, da superior e da inferior. Só se pode alcançar a outra face, atravessando aquela água. Os Mariháyana souberam achar o caminho. Atravessaram a água e chegaram a esta face da terra, onde, segundo o mito, se mesclaram com a humanidade de cá. E assim como os Mariháyana chegaram sem morrerem na água, também o sol vai e volta à terra dos antípodas sem morrer, sem apagar. A terra tomou, pois, uma forma mais plástica para o índio. Nunca, porém, ouvimos falar de uma forma exatamente definida<sup>10</sup>.

### **3. Qs Mariháyana**

Constata-se no presente relato sobre o conhecimento do giro do sol e da forma da terra como fator decisivo: que o aparecimento dos Mariháyana nesta face da terra é de importância capital; que, devido a sua influência, a "visão de mundo" é completamente mudada, e que, por fim, com eles se inicia uma nova era. "Eles trouxeram o sol deles", diz o mito. Isto quer dizer: Não um novo sol, mas novos conhecimentos sobre o sol, principalmente sobre seu giro ao redor da terra e, decorrendo daí, novos conhecimentos sobre a própria terra.

Um segundo fato que mitos e tradições ligam aos Mariháyana é a subsequente mudança cultural que ocorreu. Espalha-se nas terras influenciadas por eles uma nova cultura, a deles, que revoluciona a já existente em todo o sentido: no setor puramente material e nos dependentes

processos de trabalho; na estrutura social e (o que é de máxima importância para a compreensão da interpretação filosófico-religiosa do assunto!), principalmente, no seu nível ideológico, cujo ponto culminante é a introdução de um xamanismo pan-dinamista, assunto de que ainda teremos que falar.

#### 4. **Apreciação crítica e interpretação histórica**

As fontes Kaxúyana confundem, no material aqui apresentado, mito, sentimento religioso, observações da natureza (embora de resultados imperfeitos ou até errôneos) e conhecimentos progressivos. Compete-nos agora perguntar quais sejam, na realidade, os valores que a estes relatos se prendem que, no sentir do índio, são tradição, documentação oral do grupo e de valor histórico.

Temos primeiramente a era do sol fixo. Na realidade física ou ordem natural das coisas, ela nunca teve base de existir. Na suposição de um "sol fixo" e de um "dia sem noite" com "luz constante", a terra deveria ter tido ou rotação nenhuma ou, pelo menos, diferente da atual, mostrando sempre a mesma face ao sol.

Também na ideologia Kaxúyana, embora desconhecendo esta, até hoje, o giro da terra ao redor do sol, essa era do sol fixo pertence a um nível inteiramente religioso, mas, nem por isso, menos real para o índio. Na visão de mundo indígena, aquela época era um estado realmente existente na terra, e embora não se encontrando mais agora neste mundo, por se ter tornado um assunto extra-telúrico, é ainda alcançável no além-mundo como sendo a mesma realidade do passado. É a idéia do "paraíso" perdido, mas recuperável, que aqui se apresenta<sup>11</sup>.

O que devemos destacar aqui é, por um lado; a impossibilidade do sol fixo e do dia sem noite como realidade física e, pelo outro, a sentida realidade deste estado no nível ideológico do índio Kaxúyana.

Noções a respeito do (aparente) movimento solar ao redor da terra começam a sentir-se na segunda era do "Sol da Mulher-Matáu" ou do "Sol dos Mariháyana". Observa-se a natureza e, de um modo particular, o sol em sua trajetória, o chamado "caminho do sol". Vimos que o indígena, em suas origens, parece não ter possuído conhecimento de outras faces da terra, a não ser daquela mesma gleba onde morava. É, pois, um enigma para o índio, como o sol diariamente se apaga no oeste e se acende no leste. Explica o fenômeno da maneira já relatada que Totóya dorme e o sol volta apagado pelo mesmo caminho. É, por isso, que há noite até o sol chegar ao

seu ponto de partida e ser aceso, de novo. É notável esta fase pela falta absoluta da idéia de um giro solar ao redor da terra, conceito que surge somente com o aparecimento dos Mariháyana. Com a sua vinda começam a predominar uma série de idéias novas quanto ao assunto em foco: a existência de uma segunda face da terra e, com isso, de outros povos antipodas; a separação destas terras (que, em linguagem moderna, poderíamos chamar continentes) por faixas de água (isto é, oceanos); e, por fim, a convicção de que o sol gira ao redor da terra, oferecendo assim novas perspectivas de explicações para os fenômenos da natureza que lhes eram mistério.

Tal o assunto em resumo. Certa dificuldade na apreciação das conexões surge na primeira fase do "sol voltando apagado pelo mesmo caminho". Visto que a era de Purá e do sol fixo, pertencendo a um nível inteiramente ideológico, carece de base física, o monoteísmo indicado pelos próprios pajés da tribo como sendo anterior ao xamanismo pan-dinamista<sup>12</sup> pode ter existido somente nesta fase arcaica que, de certa maneira, se revela como fase de transição ou, melhor, de reinterpretação, em sentido passivo de "reinterpretada". Vejamos:

Somente com a vinda dos Mariháyana surge a idéia do giro solar, da água nas bordas telúricas e de uma segunda face da terra. A falta do conhecimento destes elementos naquela fase arcaica permite supor que, na realidade, se trata de uma época anterior a dos Mariháyana. Certamente, a humanidade conhecia o firmamento e o sol movente desde os seus primórdios. Embora, ideologicamente, também nesta fase se atribuam estes dois fenômenos (firmamento Kahu e sol móvel) à ação dos Mariháyana, estes mesmos não se destacam em parte alguma. A nova visão de mundo, típica para a era dos Mariháyana, falta ainda. É justamente por causa destes contrastes existentes que estamos inclinados a crer tratar-se de uma reinterpretação posterior pela própria ideologia indígena. Em outras palavras: Embora os Mariháyana somente viessem em fase posterior, a anterior existência do firmamento e do sol móvel foi reinterpretada e atribuída a eles.

Daí também a existência de Totóyana em ambiente ainda basicamente monoteísta, pois essa reinterpretação estende-se, pela mesma razão, a ele. A personificação dos elementos e das forças da natureza constitui traço típico do xamanismo Kaxúyana e da era dos Mariháyana. Totóyana é, em tradução, o "povo(-yana) dos homens(-toto)", o "povo humano" e o sol torna-se um personagem antropomorfo. Como personagem, Totóyana cansa e dorme. Dorme e o sol

apaga! E só quando acorda no nascente, o sol é aceso de novo e nasce um novo dia. Nascer e apagar do sol coincidem, pois, com o despertar e deitar de Totóya.

Em decorrência desta reinterpretação deu-se nessa fase a transição de um sistema ideológico a outro. Adaptam-se os conceitos antigos aos novos. Consegue-se, de certa maneira, a humanização de Purá, um Purá em ambiente xamanista, humano. Ou será que o homem quis divinizar-se, aspirando os atributos de Purá, pondo como símbolo de equiparação o sol de Totóyana, o "Sol do Povo Humano"? De qualquer maneira, o contraste é grande. A comparação dos paralelos dos dois sóis esclarece melhor o assunto:

Em visão monoteísta:

Purá é o Ser Supremo, criador do mundo e dos homens, fonte da luz e da vida.

Manifesta-se:

pelo sol fixo;

pela luz constante, contínua;

pelo dia sem noite.

O sol primitivo é símbolo ou atributo de Purá e, para a humanidade, marco de ligação do além para o aquém.

Em visão pan-dinamista:

Purá é o mundo, a natureza e a totalidade de suas forças. Totóyana, o sol móvel, é força elementar e condição para a luz e a vida no mundo.

Manifesta-se:

pelo sol móvel;

pela luz inconstante, alternada;

pela noite que daí surge.

O sol móvel é símbolo ou atributo do Purá pan-dinamista, da natureza, dominada pelo homem xamanista que, para a humanidade e pela interpretação do ciclo solar, tenta colocar um marco de ligação do aquém para o além.

Todavia, esta reinterpretação não conseguiu eliminar, de vez, o tipo de visio de mundo anterior que, parcialmente, sobreviveu até hoje. No conjunto, pois, aquela fase arcaica, embora reinterpretada e adaptada por tipos posteriores da ideologia Mariháyana, básicamente ainda era monoteísta, marcada pela falta, já indicada, dos elementos típicos para a fase dos Mariháyana (giro solar, segunda face da terra e sua separação por água nas bordas da terra). Devido à reinterpretação, na ordem ideológica, esta fase pode ser considerada de transição entre os dois tipos de visão de mundo, o monoteísta e o pan-dinamista; não, porém, na ordem lógica. As fases subseqüentes, todavia, são francamente da ideologia Mariháyana com manifestações de um amplo conceitualismo pan-dinamista, debaixo do qual o primitivo monoteísmo ficou como que aterrado, sem vida própria.

Entretanto, segundo indicação indígena, a questão ainda encerra outro aspecto de longo alcance. Historicamente falando, temos aí um documentário primitivo<sup>13</sup> sobre a imigração de um

ou vários grupos humanos no continente americano, por via marítima. Entre os povos influenciados pelos recém-vindos Mariháyana começa a evoluir, gradativamente e em varias etapas, a idéia do giro solar. Primeiramente, o sol ainda apaga de fato por ter que passar pelas águas, até chegar na terra dos Mariháyana onde se acende; e vice-versa na volta para esta terra. Mais tarde, talvez aos poucos, retificou-se o que pode ser chamado um equívoco, um erro de observação ou de interpretação, por parte do indígena americano. Verificou-se que os Mariháyana não vieram "pela água", no sentido exato da palavra, atravessando por ela, e sim, "por cima da água". O sol que, diariamente, lhes brilhava em suas viagens pelo mar, com a mesma trajetória de leste para oeste, passava, da mesma forma, "por cima da água" e não diretamente "pela água". Em consequência disto, o sol também não se apagava realmente como podia parecer, mas apenas aparentemente, porque, declinando no horizonte, para a parte "debaixo" da terra, simplesmente sumia de vista. Os Mariháyana, portanto, trouxeram, em primeiro lugar, uma nova visão de mundo, o conhecimento de outros continentes, situados abaixo desta face da terra, separados por mares que os cercam, e deram uma nova perspectiva ao conceito de relações entre sol e terra. A idéia do giro solar ao redor da terra não nasceu, segundo os relatos Kaxúyana, da própria observação do indígena primitivo; foi trazida ou, pelo menos, sugerida pelo fato das imigrações de grupos humanos, vindos de outros continentes.

Se aceitarmos estes relatos sobre a nova visão de mundo e sobre os Mariháyana como documentação oral de um grupo tribal, indicando imigrações no continente americano, que dizer, então, da época anterior quando, no conceito indígena, a terra era considerada simples área circular e o sol voltava apagado pelo mesmo caminho? Poderá a falta de conhecimento de terras antípodas e a estranha falta do conhecimento de águas nas bordas da terra indicar (ou confirmar) que as primeiras imigrações no continente americano se deram por terra? E que aos grupos, durante o seu lento avanço, nem surgiu a idéia de pisarem outro continente, embora chegassem quase aos antípodas de suas terras ancestrais? Tal coisa, praticamente, só poderia ter acontecido no extremo norte, no atual estreito de Behring que, segundo opinião de conceituados geólogos e cientistas, em épocas atrás, formava entre a Ásia e a América uma ponte muito mais estreita e mais unida que atualmente. O conjunto dessas indicações poderia apontar para as primeiras imigrações pelo extremo norte<sup>14</sup>.

## II. O simbolismo solar na interpretação Kaxúyana

Os dois tipos mencionados de visão de mundo, de estados ou eras diferentes, como os mitos os mostram, permitem, sempre baseados em indicações indígenas, uma dupla interpretação. A que, em sentido mais largo e embora não abandonando o sentido mítico-religioso, poderíamos chamar de interpretação realista, por se prender à vida real no aquém; e outra com um sentido filosófico-religioso, passando a ser uma verdadeira filosofia da vida, atingindo o além.

### 1. Interpretação realista

#### a) "Purá itsüdzüne" e o mundo antigo.

Já o nome indica a ligação direta com a religião: Sol de Purá. O sol primitivo é símbolo e expressão da Divindade que, por sua luz contínua, está em permanente contato com a primeira humanidade. Era o sol fixo que dava aqueles homens luz, vida e alegria contínuas. E o Warahê, o céu de Purá (itsüdzüne) pousava sobre a terra; pois Kahú, o firmamento, ainda não existia. Em outras palavras: era o céu na terra, onde não havia nem noite, nem trevas. Tudo era bom, tudo era felicidade. O mito fala bastante deste estado paradisíaco da primeira humanidade e como ele foi perdido. O que, novamente, devemos ressaltar, são os fatores que constituem o simbolismo externo desta felicidade: a luz constante; o sol fixo, sempre no zênite; o povo sempre debaixo desta luz de Purá ou seja debaixo do seu olhar. E por ser o sol fixo, e não haver firmamento que se interpusesse entre essa luz e a humanidade, não havia noite, nem trevas, mas sim eterno dia; não havia maldade, nem miséria, nem morte, e sim apenas felicidade. E embora, segundo a tradição, o nível cultural fôsse bem primitivo, os homens viviam numa fé ou numa visão simples deste Ser Supremo que se lhes revelava sob o simbolismo de um eterno sol. São estes, sem dúvida, conceitos monoteístas. Nós outros estamos inclinados a considerar essa era como ideal religioso, mas para o índio, como já alegamos, ela foi e ainda é uma realidade, em nível ideológico.

#### b) "Matáu-wore-itsüdzüne" e os Mariháyana.

As coisas, porém, não ficaram sempre assim. Em certa altura ou época aparece uma mulher, vinda de um mundo alheio ao até então conhecido: a mulher-peixe, a mulher-matáu, a mulher dos Mariháyana, como é chamada. E com ela principia uma nova era no mundo do índio, da-se uma total mudança em todos os níveis de sua vida. Como elementos novos são destacados,

principalmente, uma nova cultura material, a vinda da agricultura e um novo tipo de religião. E neste ambiente mítico-religioso surge também – indicação que é de alta importância para o nosso assunto! – a noite. Resumindo os apontamentos mitológicos, deu-se o seguinte: A mulher-peixe, que veio da outra face da terra, só quis ter relações sexuais com o homem que a tinha apanhado, assim que escurecesse; pois ela tinha vergonha. Mas a noite era desconhecida daquela geração. Depois da insistência do homem, ela prontificou-se a conseguir a noite também para esta face da terra. Por breve tempo em companhia do homem, volta ao seu povo e acontece, então, o fenômeno que revoluciona todo aquele quadro da antiga visão de mundo: Sobem os Mariháyana (em companhia da mulher-peixe) da outra face da terra e trazem o sol deles, o qual os mitos denominam de "Sol da Mulher-Matáu" ou "Sol dos Mariháyana" e que é o mesmo astro que contemplamos diariamente. Com forças até então desconhecidas, forças mágicas, os Mariháyana empurram o céu Warahê para cima, estendem entre ele e a terra o firmamento Kahu e mandam subir e correr por este o seu sol, "matáu-wore-itsüdzüne". Origina-se assim uma cisão ou separação nas antigas relações entre Purá ou o sol de Purá e os homens. Purá continua a existir, mas afastado dos homens e sua luz não brilha mais sobre eles. Em seu lugar, daí em diante, é o sol movente que irradia luz e vida por meio dia. Vai, depois, à terra dos Mariháyana e aparece, então, nesta face da terra, à noite. E neste ciclo dia e noite se alternam continuamente.

Os Mariháyana são, pois, os titãs indígenas que, embora não podendo eliminar por completo o conceito do Supremo Ser, todavia conseguem afastá-lo e reduzi-lo a um plano secundário. São os revolucionários contra a ordem do mundo de então. Outro céu, outro sol e a noite são os primeiros efeitos de sua ação e, de certa maneira, as premissas para uma nova visão de mundo, também em adaptação religiosa. São os revolucionários, também, contra a antiga cultura material e estrutura social. Trazem e introduzem uma nova civilização, mais fina, mais desenvolvida. Revolucionam a estrutura social, dentro da qual, doravante, a mulher exercerá um papel mais destacado e uma certa preponderância pela agricultura a seu cargo. Isto, talvez, devido a um extinto matriarcado, cujos reflexos se notam na ainda existente matrilinearidade<sup>15</sup>, cargos de chefia feminina e traços semelhantes. São revolucionários, principalmente, no nível ideológico, substituindo a religião antiga por uma filosofia, soterrando o conceito do primitivo monoteísmo do "Sol de Purá" (Sol-Purá?) debaixo de um sistema xamanista que, no fundo, se baseia nas forças da natureza e num vasto pan-dinamismo.

Dependendo da mudança destes conceitos, mudam também os da vida real.

Veio um novo sol. Devemos lembrar-nos: O sol antigo era um sol fixo, símbolo da felicidade humana constante. O novo sol aparece apenas temporariamente e depois vem a noite. É um sol móvel, inconstante, que vai e vem; e com ele vieram uma vida e uma felicidade inconstantes. A vida, daqui em diante, não é mais apenas só luz. Depois de uma temporada de luz e claridade vêm as trevas e a noite escura. Após uns dias felizes, também a vida mostra o seu lado inverso e aparecem a miséria e a própria morte. E enquanto para uns brilha o sol da vida, os outros estão na sombra, pois o sol é mutável, e a vida também. Depois da noite vem um novo dia; depois das angústias vem novamente alegria. Depois do dia vem a noite e depois da noite, neste ciclo, segue outro dia. Depois da vida vem a morte e depois da morte vem outra vez a vida, vida no além. Assim o giro solar torna-se um símbolo da própria vida.

Veio a noite, veio a morte! Justamente aí se revela uma nova filosofia de vida em bases de comparação e de paralelismos. Os motivos de "luz-e-sombra", de "dia-e-noite" correspondem aos de "felicidade-e-miséria", de "vida-e-morte", respectivamente. A noite é causada pelo aparente apagar do sol. A morte se origina pelo aparente apagar da vida. Mas assim como o sol na realidade se apaga, tão pouco existe uma verdadeira morte. O sol surge de novo, nasce e renasce; e o homem também ressurgue de novo, nasce e renasce. A noite é uma fase do dia: ausência temporária do sol; a morte é uma fase da "Vida": ausência temporária no aquém. E aqui entra um novo conceito ou uma nova interpretação da "filosofia de vida" do índio Kaxúyana, realçando ainda mais o simbolismo entre o ciclo solar e o ciclo da vida, entre os motivos de "dia-e-noite" e de "vida-e-morte"; pois esta interpretação "realista" da vida torna-se uma filosofia de vida transcendental.

## **2. Interpretação filosófico-transcendental**

A ideologia Kaxúyana mostra, a este respeito, um duplo aspecto: O primeiro (ao que nos parece, o mais antigo) corresponde provavelmente à fase arcaica, em cujos conceitos o sol anda, mas realmente apaga, e onde o giro solar completo ainda não é conhecido. Considera-se o simples fato do dia ou da luz: o nascer e o apagar do sol. Baseia-se em crenças monoteístas e tende à restauração do estado primitivo do mundo e da humanidade, à volta a era de Purá.

O segundo pertence à fase dos Mariháyana e o ciclo solar torna-se, debaixo da influência de tendências pan-dinamistas, o ciclo da "Vida".

Comum a estes dois aspectos é a ligação direta entre o simbolismo solar e a vida no além. Embora tenhamos que repetir algumas idéias já expostas, vejamos o que as duas tendências filosóficas, a monoteísta e a pan-dinamista, fazem da vida humana.

a) A filosofia solar no seu aspecto monoteísta.

No conceito do caminho do sol móvel distinguem-se três pontos decisivos: o leste ou seja o nascente, o zênite e o oeste ou o poente. Na vida humana, no aquém, estes marcos correspondem ao nascer, ao viver e ao morrer. E na vida no além?

Leste, o nascente. Possui um significado especial: é vida principiante, juventude ou rejuvenescimento e renovação ou restauração da vida.

No nascente, o sol, depois de morrer a sua luz no oeste, diariamente se renova, rejuvenesce e sobe ao zênite para o pleno desenvolvimento de suas forças. O sol tem seu caminho. Sem ele não poderia subir ao zênite. O homem, saindo deste mundo pela noite da morte, tem que trilhar este caminho da renovação para chegar à plenitude da vida. Quando o morto é enterrado, é posto com o rosto para o nascente, "para logo achar o caminho", a saber o caminho do sol, o caminho para a nova vida. É colocado em posição de cócoras, na aproximada posição da criança no ventre materno, para poder nascer ou renascer para a outra vida; pois é firme convicção e fé inabalável do índio Kaxúyana que ele tem que renascer. O nascente torna-se, portanto, símbolo de uma vida nova, do rejuvenescimento e, com isso, de um futuro melhor.

O zênite. Pelo caminho do sol, o homem<sup>16</sup> sobe. No ponto culminante atinge a passagem do Kahú para o céu Warahê, isto é, para o mundo superior. Assim como pela morte a forma de vida mudou, muda também o cenário. O homem passa de um mundo visível para além do firmamento, a fim de entrar no mundo da era primitiva: o mundo de Purá.

Lá no zênite, acima do Kahú, no Warahê, brilha ainda num eterno dia o sol antigo, Purá itsüdzüne, símbolo do próprio Purá. Lá está também o ente criador, Purá mesmo, embora expulso do mundo tangível pelas forças mágicas dos Mariháyana, ainda em plena força de seu ser, num eterno presente. Ainda é o dono daquela luz primitiva e portanto, como sabemos pelo simbolismo, senhor também da vida e da felicidade constantes.

Abaixo de Purá, no Warahê (mas sempre em nosso zênite), está Kahyuwütarü<sup>17</sup>, a terra primitiva dos ancestrais, para onde deve ou deveria ir todo o homem. Ali está a humanidade na

felicidade e na plenitude de uma nova vida, de uma vida recuperada num paraíso perdido. É verdade que os mitos desenham este paraíso com traços um tanto materiais, mas nem por isso refletem uma perfeita felicidade em ambiente indígena, onde não há mais fome, nem doenças, nem misérias, nem morte. E todo o homem tem êste destino de ficar, um dia, na posse desta plenitude de vida, perto de Purá, na luz eterna do Sol de Purá.

O homem, morto para a terra, sobe até Purá. Este lhe diz se pode ficar era Kahyúwutariü ou não. Em outros têrmos: Purá julga o homem, decide se ele pode ficar naquele paraíso ou não. E, como já anotamos, uma vez ali, participa do ser e da vida absolutos, a saber, por uma via comunicativa, mas não como parte ou parcela da essência de Purá, em sentido panteísta; pois o homem, neste aspecto da filosofia Kaxúyana, sempre permanece um ser criado por Purá. Participa dele como receptor da felicidade, em dependência e submissão filial. "Amna y umu"   o título que lhe d o: "Nosso pai!" E ainda: "K oh rgumu": "Nosso Chefe! Nosso Soberano!" Como vimos anteriormente, nessa vida no Warahê n o há sombras, nem escuridão, nem noite. O sol fixo marca o eterno presente do Ser Supremo e da felicidade. No conjunto total vemos aí a procura do homem pelo paraíso perdido que não pode mais encontrar neste mundo ou na visão de mundo dos Mariháyana. A descri o dêste paraíso e da vida no além correspondem, exatamente, ao estado do mundo e da humanidade na era primitiva, alterada pelos Mariháyana. O homem, portanto, quer voltar a êste estado original, não tanto num sentido material, mas transcendental. Quer reatar as rela oes interrompidas com o Ser Supremo e viver, novamente, debaixo de sua luz.

O zênite torna-se, portanto, símbolo da plenitude da luz, da vida e da felicidade; símbolo de possessão desta vida e desta felicidade sem sombras, sem misérias; símbolo também de um eterno dia sem noite, de uma eterna vida sem morte.

Oeste, o poente. O poente existe também no além-mundo. Não mais para aqueles que já entraram em Kahyuw tar , mas para aqueles que não foram julgados bons. O oeste é o lugar do desaparecer e da cessão da luz, onde o sol se extingue e a escuridão e a noite começam; lugar também da cessão de uma verdadeira vida e da felicidade, onde só existe um viver nas sombras, no escuro e na noite.

No poente, o sol "apaga", desaparece. Como reflexo dessa cessão da luz, apaga-se também a vida na terra. Sentimentos de solidão e de ver-se perdido num mundo sem luz,

sentimentos de desolação e de medo envolvem tudo quanto há vida: as matas, os animais, os próprios homens. Somente os seres das sombras, espíritos maus, incorporados em onças, vampiros e animais peçonhentos povoam a escuridão. As angústias e os negros da noite tomam conta do mundo.

O mesmo pode acontecer com a vida do homem no além. Se ele não acha a benevolência do "Soberano" –pois é sempre Purá que o julga e "que lhe diz para onde deve ir"–, Purá não o deixará entrar em Kahyuwütariü e, sim, dar-lhe-á Waih.húmu<sup>18</sup> por morada. Vão para lá os maus feiticeiros e os assassinos que não se purificam pelas dietas e outras cerimônias prescritas; os que roubaram os seus irmãos e companheiros de grupo, e outros malfeitores. Waih.húmu fica no extremo poente do Warahê, onde (aparentemente?) toca no Kahú, onde o sol e a luz se apagam e onde, portanto, não há luz nem dia. Os de Waih.húmu ficam longe de Purá e longe de seus semelhantes, ancestrais, longe também da felicidade do Warahê e sem ligação com a vida de Kahyuwütariü, tão aspirada por todos. O que lhes resta então? Nada, a não ser uma existência em noite eterna, em isolamento e desolação completa e profunda. Waih.húmu é o lugar da plenitude da tristeza e desolação, é a morte no além ou, em conceitos nossos, o "inferno": o inferno do índio Kaxúyana.

Oeste, o poente, é, portanto, símbolo do infortúnio; símbolo da luz, da vida e da felicidade perdidas; símbolo da noite e da morte, também no além.

E isso parece importante neste aspecto da filosofia indígena: O fim é um só! Ou a vida eterna em Kahyuwütariü no céu Warahê com felicidade perfeita para os homens, ou a noite eterna, o "inferno", o isolamento. E não há ligação entre os dois extremos.

Até aqui podemos seguir e perceber, em traços gerais, uma ideologia monoteísta debaixo de um simbolismo solar. Quando, em época posterior, as tendências do xamanismo pandinamista se espalharam, a ideologia antiga não aceitou a fusão do "Sol de Purá" com o "Sol dos Mariháyana". Deixou ir Purá e seu sol fixo ao alto céu, ao além-mundo; deixou vir um novo sol, mas não fez a fusão. Purá, senhor do sol fixo, é um; Totóya ou Totóyana, senhor do sol atual, é outro. E na vida real, até hoje, as duas ideologias ficaram lado a lado.

Já referimos que, com a vinda dos Mariháyana, uma nova ideologia ganha terreno. Ela aproveita muitos conceitos já existentes, mas reinterpreta-os de maneira diferente, modificando-lhes em parte o sentido, alargando, por outro lado, o simbolismo solar para explanação e prova

de suas próprias idéias de vida e eternidade, e constrói, justamente à mão do ciclo solar, o contínuo ciclo da vida.

b) A filosofia solar no seu aspecto pan-dinamista.

Para compreender bem este aspecto, devemos anotar que, em sentido pan-dinamista (e mesmo xamanista) Purá já não é mais uma pessoa independente, um indivíduo, o criador no conceito anteriormente mencionado, mas sim é o mundo, a natureza, o conjunto das forças do universo, personificadas.

Tudo no mundo possui e é, essencialmente, constituído por uma força secreta. Mesmo as coisas (para nós) inanimadas como pedras, água, caminhos, etc, são simplesmente manifestações de uma força que, em sua personificação, se tornam os espíritos com os quais o xamã trabalha. No fundo, pode-se dizer tratar-se de um dinamismo panteísta. O homem participa, essencialmente, destas forças e do mundo que é o Purá. Em consequência disto também os conceitos da vida humana no aquém-mundo e no além, como também a sua interpretação mediante o simbolismo solar, são ampliados e modificados, embora se conserve, em parte, a mesma terminologia antiga, como vemos no próprio nome de Purá.

Dentro deste pan-dinamismo somente há lugar para um desaparecer ou morrer acidental. Não há morte ou extinção de vida definitivas. A vida é eterna e se renova continuamente, por meio de um eterno ciclo. As próprias forças desconhecidas, mágicas, e por isso temidas, enfraquecem e se renovam, mas não acabam, não se extinguem definitivamente. O homem, uma dessas forças, também enfraquece pela velhice, pela morte, pela própria encarnação: o homem morre. Mas justamente pela morte ele se renova. O pan-dinamista chegou ao conceito do (aparente) giro solar ao redor da terra. O poente não lhe é mais símbolo da noite eterna, de um definitivo e absoluto apagar e desaparecer da luz e da vida. O sol contínua no seu giro, embora de uma forma não visível para nós, para nascer e aparecer de novo na manhã seguinte. Desse modo também o conceito da vida é ampliado, dentro do simbolismo solar. O caminho do sol visível para nós, torna-se símbolo da vida no aquém; o trecho do caminho do sol invisível e só vagamente conhecido é símbolo da vida no além, também invisível e vagamente conhecida. E como o caminho solar invisível, durante a noite, é o complemento do visível, sendo que estes dois se unem na sua continuação para um eterno ciclo, assim também a vida no além-mundo é o necessário complemento da do aquém-mundo, sendo que estas duas formas de vida se unem por

sua constante repetição para um eterno ciclo. A morte é aparente, acidental e sem maior importância. O essencial é a "Vida" que é eterna.

De novo apresenta-se aqui o motivo de "vida-e-morte", embora na sua modificação em conceito pan-dinamista. Não há morte definitiva, absoluta, pois a morte coincide sempre com a renovação da vida, seja no aquém, seja no além, conforme a respectiva fase de vida. Um dos extremos costumamos chamar "renascimento", outro "reincarnação". Com o apagar da vida nesta terra, com a morte neste mundo, começa um novo desenvolvimento e o florescer da vida no além: o renascimento. E agora vem a grande novidade no ciclo da vida pan-dinamista: Com o desaparecer e morrer no além, começa, da mesma forma, um novo desenvolvimento e florescer da vida, mas aqui, no aquém. É o renascimento no aquém, ou seja, a "reincarnação". Neste ponto de mudança ou transição do além para o aquém, o índio Kaxúyana colocou uns dados míticos, explicativos, que não deixam dúvida sobre a idéia da reincarnação como renovação da vida dentro do ciclo vital. Estes pontos são chamados "Onekwe-hóre" e "Panano mukahítpöre".

"Onekwe-hóre" é um lugar no extremo ocidente, fora da terra, num ponto onde Warahê e Kahú (aparentemente?) se tocam. O seu nome significa "Espelho Grande" ou "Reflexo Grande". O espelho reflete p. ex. a imagem de uma pessoa, parecendo duas. Mas este reflexo é sempre a representação de uma só realidade, aqui, da dita pessoa. O simbolismo empregado quer indicar que a vida no aquém não é outra coisa senão o reflexo ou a imagem da outra no além, sendo a realidade sempre a mesma: a "Vida".

"Panano mukahítpöre", por sua vez, em tradução literal, quer dizer: "Pele das costas dos ancestrais, abandonada". O sentido é o seguinte: Igualmente como certos animais, p. ex. a cobra, tiram ou abandonam a sua pele e deste modo, por assim dizer, se renovam – pois o animal parece fresco, bonito e nôvo! –, assim também fizeram e fazem ainda os homens. Lá em "Onekwe-hóre" deixam a sua pele velha, antiga, e abandonam a sua "velhice" ou seja o seu estado de existência anterior a fim de, rejuvenescidos, surgirem para uma fase de existência nova. O homem, neste mundo, é por isso, essencialmente, um ancestral reincarnado. "Panano mukahítpöre" é, portanto, tempo ou ponto de reincarnação; tempo ou ponto de transição e de mudança do além para o aquém, de uma fase de vida terminada para outra a principiar. Mas a "VIDA", em ambas as fases, é sempre a mesma. Neste conjunto, "Onekwe-hóre", como espelho, reflexo ou imagem, dá o sentido exato. Sendo a vida uma só e a mesma, uma é o reflexo da outra, assim como a pessoa

é a mesma na sua imagem no espelho. No grande ciclo da vida, então, a pessoa "apaga" ou morre para a vida no além (oeste), a qual se torna restaurada para uma vida nova pelo renascimento ou a reencarnação (leste). Em vista de ser este ponto de passagem, o momento de morrer para o além e o de nascer ou renascer para o aquém, um só (incluindo ambos os momentos: morrer e nascer), tanto no ciclo solar como no da vida, oeste se torna leste ou seja: morrer é igual a nascer.

O que significa isto? Normalmente o poente é o contraponto do nascente, a morte o contrário da vida e não podem coincidir. Poderá ter sentido tal concepção?

Os próprios xamãs da tribo explicaram isso. No seu pouco aperfeiçoado português, um deles nos disse: "A vida é uma grande volta (= um círculo). A gente vai "redondo" (= vai num círculo). Um dia nós chega lá, donde nós saiu!..." E com isso começou a traçar, no chão, uma figura muito simples, um círculo atravessado por uma diagonal, da qual explicou, principalmente, os pontos extremos. É a mesma figura aqui apresentada, à qual somente juntamos as indicações.

Esta figura mostra tanto o ciclo solar como o da vida. Designamos o caminho do sol durante o dia e a vida no aquém com letras maiúsculas: é a parte visível e aqui vivida. A parte invisível, durante a noite e a vida no além, é indicada por minúsculas. As abreviações empregadas significam: E, e – leste; Z, z – zênite, caminho do sol; O, o – oeste; N, n – nascer; V, v – transcurso ou "caminho" da vida; M, m – morte. A diagonal é a terra. S – a sua face superior, terra dos Kaxúyana; I – sua face inferior, país dos Mariháyana.

A explicação seria esta: O sol nasce (E), percorre o seu caminho (Z) e chegando no poente, desaparece para nós (O). Para os homens do outro lado da terra (I), porém, (os Mariháyana míticos, os homens dos antípodas), começa a aparecer, a nascer (e). O nosso poente (O) torna-se para eles nascente (e). E vice-versa: o seu poente (o) é para nós o nascente (E).

Com a vida se dá a mesma coisa. Pela morte neste mundo (M), o homem nasce para o outro (n). E vice-versa: Saindo do além (m), nasce para o aquém (N).

O Kaxúyana, em sua filosofia, fêz um certo jogo de termos que, expresso aqui em fórmulas, daria o seguinte quadro:

O = e; e E = o. Por outro lado:

M = n; e N = m, donde se segue o simbolismo:

O, o = M, m; e E, e = N, n, tanto nas maiúsculas como nas minúsculas. Quer dizer: Para o Kaxúyana, o ponto oeste, tanto na vida no aquém como no além, são símbolos de sombra, noite e morte, enquanto o nascente sempre lhe significa nascimento, luz e vida. Por isso faz ainda a proporção de: E:o = N:m: O:e = M:n; Z:z = V:v. Em outras palavras: O nascente está em relação ao poente dos homens dos antípodas como o nascer neste mundo ao morrer no além, etc.

O ciclo solar e o ciclo da vida se correspondem, pois, perfeitamente, e formam uma unidade, tanto como o dia e a noite, o nascer e o morrer se correspondem, formando igualmente uma só grande unidade. Nascimento e incarnação (N), vida (V) e morte (M) ou, por outra, renascimento (n), plenitude de vida (v) e incarnação ou reencarnação (m) se completam perfeitamente no ciclo da vida.

Notamos, porém, uma coisa: Toda esta teoria ou filosofia, como também a própria vida do índio Kaxúyana são dirigidas, essencialmente, para o nascente, isto é para a vida, de forma que também o oeste ou seja, dentro do simbolismo, a morte se torna um novo nascente, nova vida. Mais ainda: Este rumo, a direção leste não lhe é só a principal, mas, ideologicamente, a única. Outro rumo o Kaxúyana ignora. Uma orientação polar, p. ex., não conhece, nem no mundo, nem na vida. Tudo que não guarda a linha oeste-leste, isto é, a aspiração e a tendência para a luz, para o renascimento e a vida, atravessa e corta, de qualquer maneira, esta linha, e desvia do rumo e da finalidade da vida. Norte e sul não entram em sua vida. São tão pouco importantes para ele, que nem articulou termos próprios para norte e sul. Chama-os com um termo comum, "Kah. karáne", isto é, "atravessado". Literalmente, "Kah. karáne" significa "costelas do firmamento (Kahu)". Assim como as costelas ficam em posição contrária, "atravessada" à posição geral do corpo humano, também norte e sul ficam em posição "atravessada" do rumo da orientação principal, oeste-leste. O próprio índio Kaxúyana usa, em seu português, a expressão "atravessado" para a indicação de tais rumos e especifica "atravessado para lá" ou "atravessado para cá". Mas como rumo de orientação, norte e sul não existem. Estes conceitos se estendem, até certo ponto, também à ideologia Kaxúyana, onde tudo está orientado para o nascente, para o renascimento e para a "VIDA". E tudo que não coincide ou não obedece a esta orientação, é "atravessado".

Certo dia perguntamos ao nosso falecido amigo, o xamã Ton.hiráma, se não tinha medo de morrer. Ele respondeu: "Morrer sempre é coisa ruim e ninguém gosta, pois a gente deixa os

filhos, os parentes e a mulher, ou morre de doença (feitiço) e com dores. Mas medo não tenho, porque vou viver lá. . ." apontando com isso para o alto firmamento.

Este parece, pois, o resumo do aspecto pan-dinamista desta filosofia indígena: Morrer e nascer são pontos de convergência de uma só e a mesma existência básica, porque, devido a seu ciclo contínuo, a VIDA é eterna. E a morte se torna um simples, embora necessário incidente no ciclo da VIDA; pois sem renascimento não pode haver morte, e sem morte não pode haver renascimento.

## NOTAS

1. - Em certas composições, o sufixo nominal (aqui:-ru) é eliminado. Daí: Kaxú-yana em vez de Kaxú(ru)-yána.
2. - Cf. o verbete "filosofia" em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, lia. edição, Rio de Janeiro, 1966.
3. - É interessante observar que os escravos negros do Baixo-Amazonas, em alta percentagem de origem bantu, não conservaram vivos os cultos tradicionais africanos. Daí a pouca probabilidade de influências ideológicas dos negros sobre os índios em apreço. Sabemos por conhecimentos próprios que os poucos terreiros de macumba no Baixo-Amazonas, na região compreendida entre Parintins e Monte Alegre, são todos de origem recente e os respectivos pais-de-santo se confessam procedentes de outros Estados, principalmente do Maranhão e de Pernambuco.
4. - Não é aqui o lugar de uma interpretação pormenorizada do conceito de Purá. A distinção essencial já foi feita em página anterior.
5. - É difícil dizer até que ponto existe ou tenha existido uma identificação do sol e da luz primitivos com o próprio Purá. Preferimos abster-nos, aqui, de conjeturas a respeito.
6. - A tradução literal é "sol de mulher-matáu". O "matáu" é um peixe, espécie de pacu grande, vivendo em águas mais movimentadas perto das cachoeiras. Por isso também é chamado "pacu cachoeirista" pela população do Rio Trombetas. Usamos, às vezes, a expressão de "mulher-peixe" naquele mesmo sentido de "mulher-matáu".

7. - As notas colhidas não esclarecem com exatidão se Totowaráka e Totó-imo são dois personagens ou um só. Totowaráka ou/e Totó-imo, juntamente com Totóya (o chefe) formam (os) Totóyana que é a "gente, povo do sol". Em linguagem xamanista são "itsüdz-nékware", literalmente: encanto, segredo, força secreta do sol, o que, porém, como personificação e dentro da estrutura social que também aos espíritos se estende, pode ser traduzido como "sipe solar" ou "clã do sol".

8. - O xamã Ton.hiráma usou até uma expressão modernizada, dizendo que "Totó-imo é foguista de Totóyana", enquanto "Totóya é o comandante". A terminologia desta comparação é tirada da navegação fluvial e dos barcos a vapor (lanchas) que possuem como pessoas de bordo mais marcantes o comandante e o foguista (maquinista). Todavia, o conceito dos dois parceiros é antigo e aparece também sob outras formas como p. ex. sob a dos dois irmãos ou heróis míticos. O próprio Purá, em visão xamanista, possui um companheiro subalterno, chamado Mu?rá. Igualmente primitiva é a idéia de kanawá-imo, o "navio do sol", motivo mítico que se encontra também na ideologia de outros povos.

9. - Como anotação queremos indicar ainda que o esquema das fases supra-estabelecido se baseia no suposto movimento do sol. Entretanto, o assunto poderia ser considerado sob outro ângulo, focalizando como fator principal a luz solar. Isto resultaria numa ligeira modificação no estabelecimento das fases, a saber:

- 1a. fase: O sol apaga realmente;
  - a) volta (apagado) ao leste pelo mesmo caminho;
  - b) passa apagado à outra face da terra, girando ao seu redor.
- 2a. fase: O sol apaga só aparentemente; a luz solar não se extingue, realmente.

Os dois esquemas são viáveis, igualmente, e ambos conforme os conceitos Kaxúyana. Preferimos, porém, o acima apresentado, porque parecemos mostrar, com mais clareza, a entrada dos Mariháyana e de sua ideologia.

10. - A idéia exposta lembra um tanto a da antigüidade clássica do mediterrâneo que concebeu a terra como sendo da forma de um disco. Todavia quer nos parecer que o conceito indígena inclui, preferencialmente, a idéia de duas áreas ligadas uma à outra por uma camada de água, à semelhança de p. ex. duas chapas de vidro, molhadas em suas faces internas, seguras uma à outra

pela força de adesão desta fina camada de água. As nossas fontes indígenas, entretanto, não se expressam claramente .

11. - No momento não convém entrar em pormenores. Todavia, temos que voltar ainda ao conceito da era do "Sol de Purá" como estado de felicidade original para compreender as idéias filosófico-religiosas sobre a vida no aquém e no além, dentro daquela parte do simbolismo solar.

12. - Não pretendemos estabelecer, com isso, conceitos sobre prioridade de formas religiosas. Apresentamos apenas o material coletado em campo, com as conclusões permissíveis, relativas aos Kaxúyana e dentro da sua ideologia.

13. - Foram os próprios pajés Kaxúyana, principalmente Enti e Tonhiráma, que nos indicaram o valor documental, tanto da tradição, como dos textos míticos, fornecendo interpretação direta em casos concretos.

14. - Em pequeno trabalho anterior aludimos a certas tradições arcaicas dos grupos karib vizinhos, os Pianakotó-Tiriyó que parecem também indicar migrações pelo norte ártico. (Ver: Frikel, 1961, Ometanimpe, os "Transformados". Bol. do Museu Paraense Emilio Goeldi, Série Antropologia, nº 17).

15. - Os Kaxúyana são matrilineares, enquanto as tribos vizinhas dos Pianakotó-Tiriyó e dos Parukotó-Xarúma são patrilineares.

16. - Evitamos aqui o termo "alma", pois o seu conceito na filosofia cristã não coincide com o do indígena. "Alma", no pensamento do índio, é a parte imortal do homem, mas não de todo espiritual ou imaterial. Esta parte imortal é, na opinião do índio Kaxúyana, a pessoa ou o homem propriamente dito e que, dadas as circunstâncias, pode ser visto. O corpo humano é simplesmente um meio de manifestação, uma espécie de "vestimenta" que se recebe na hora do nascimento e se deixa ao morrer.

17. - Kahyuwütärü significa literalmente "moradia acima do (firmamento) Kahu". A referência Kaxúyana, aqui aproveitada, parece indicar que parte da terra primitiva, terra dos ancestrais, também foi suspensa pelos Mariháyana no processo de empurrar o Warahê para cima e de estender o firmamento Kahú sobre a terra. Céu primitivo e terra primitiva, em seu conjunto, formariam assim um conceito único. O afastamento de Purá, do céu Warahê e (de parte) da terra primitiva para fora deste mundo visível, dá uma idéia bastante nítida de um paraíso perdido.

18. - Waih.húmu, literalmente, quer dizer "lugar da morte". É derivado de waiha - radical de "morrer", e húmu - "lugar".

### Termos da ideologia Kaxúyana.

amna yúmu	Nosso Pai! - Título dado a Purá, em visão monoteísta
hóre	(o) grande, (o) principal
itsüdz nékware	"encanto do sol"; segrêdo, força (personificada) do sol
itsüdzüne; itsüdzü	sol
itsüdz wêhatkathô	leste, nascente, oriente
itsüdz wómtohu	oeste, poente, ocidente
kah.karáne	rumo "atravessado", norte ou sul; literalmente "costelas do firmamento Kahú"
kahú	firmamento, céu visível
kahyuwütarü	terra dos ancestrais no além-mundo; paraíso; literalmente: "morada acima do firmamento kahú"
kanawá-imo	canoa grande
köhórgumu	Nosso Soberano! Nosso Chefe! Título dado a Purá, em visão monoteísta. (Ver: hóre)
Mariháyana; Máriháyana	nome próprio, dado ao povo que imigrou dos antípodas
Matáu-wore itsüdzüne	o nosso sol atual, em visão ideológica pan-dinamista; literalmente "Sol da Mulher-Matáu" (itsüdzü - sol; worê, worêdze - mulher; matáu - peixe matáu)
onekwe-hóre	literalmente: "espelho grande"; também: reflexo ou imagem grande; simboliza a unidade do ciclo da vida
panáno mukahítpöre	literalmente: "pele das costas, tirada dos ancestrais"; simboliza a reencarnação
Purá	a) Nome do Ser Supremo dos Kaxúyana, em sentido monoteísta; b) o mundo, a natureza e a totalidade de suas forças personificadas, em visão pandinamista

Purá itsüdzüne	literalmente: "Sol de Purá"; o sol fixo da era primitiva
ronó	a terra
totó	o homem
Totó-imo	literalmente: "homem grande", também "gigante"; auxiliar de Totóya, dono do sol
Totowaráka	outro nome para Totó-imo (?)
Totóya	nome próprio do chefe ou dono do sol atual
Totóyana	literalmente: "povo de homens" ou "povo humano"; as pessoas do sol como encanto xamanista
Waih-humu	literalmente: "lugar da morte", derivado de waihá - morrer e húmu - lugar
Warahê	literalmente: o "curvado", no sentido de abóbada; o céu primitivo; hoje, o céu superior.